

# Economia das águas: a construção artesanal de embarcações em Santana-AP

**Laércio Gomes Rodrigues<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. E-mail: laerodriguess@hotmail.com

## 1 Introdução

Este trabalho versa sobre os estaleiros artesanais e sua importância no contexto de uma cidade tipicamente amazônica – o município de Santana no Amapá – local onde a delimitação mais expressiva de um território foi criada em torno do empreendimento. A região possui uma rica hidrografia, riqueza que é compartilhada pelo saber dos ribeirinhos. Neste contexto os barcos assumem um papel singular por ser o elo interligador de mundos, como a cidade e as comunidades ribeiras. A relevância desta pesquisa justifica-se por desvendar as faces ocultas de agentes sociais que faz a Amazônia ser não somente o local que se encontra o maior banco de biodiversidade do planeta, mas também o lugar onde a criatividade e saber dos nativos se acoplaram à natureza. Divide-se em 3 capítulos: o 1º trata da herança portuguesa na arte de confeccionar embarcações e das mudanças que as caravelas sofreram no Brasil. O 2º faz uma breve navegação na história da ocupação da Amazônia e especialmente a do Amapá, com tentativa de revelar a presença das embarcações nos marcos históricos. O 3º capítulo discorre sobre desenvolvimento; saber de mestres artesãos; interpreta o *lócun* onde as embarcações são concebidas como espaços híbridos; expõem os dados dos estaleiros artesanais, ações do governo que pretendem tornar-se política pública; além do perfil dos mestres artesãos e dados dos estaleiros.

## 2 Objetivos

A pesquisa teve como objetivo principal compreender a importância dos estaleiros artesanais no município de Santana. No transcorrer do trabalho alguns questionamentos surgiram e à medida que foram sendo respondidas tornaram-se também objetivos específicos que colaboraram para alcançar o objetivo central, assim procurou-se: perceber o percurso histórico da profissão de mestre artesão; delinear o território produtivo; levantar o perfil socioeconômico dos mestres artesãos; e elaborar dados relacionados aos estaleiros artesanais.

## 3 Metodologia

Este estudo encontra-se dividido em duas etapas de pesquisa: a 1ª de caráter bibliográfica, abarca os 2 capítulos iniciais. Neles utiliza-se o método histórico para perceber a importância que as embarcações tiveram e tem no contexto amazônico. Consultou-se livros, periódicos e revistas eletrônicas.

A 2ª etapa, presente no 3º capítulo: pesquisa bibliográfica e de campo são casadas. Esta última subdividiu-se em 4 frentes investigativas, a saber: 1ª: Dados de embarcações registradas na Capitania dos Portos do Amapá – visitou-se a instituição

para coleta dos dados; 2ª: percepção de ações de governo que pretendem constituir-se em políticas públicas para o setor – utilizou-se do material produzido pelo Grupo de Trabalho de Transporte Fluvial de Passageiros e Cargas do Ministério dos Transportes – GTTFPC, fez-se uso de material produzido pelo IPHAN Local, além do Projeto de Lei PRÓFROTA FLUVIAL que tramita na Câmara dos Deputados e a “Carta do Amapá”; 3ª: delimitação do território produtivo – utilizou-se de embarcação, máquina fotográfica e caderno de campo. Estrategicamente adotou-se o método censitário<sup>1</sup> para contabilizar o número de estaleiros presentes no município; e, 4ª: aspectos socioeconômicos de mestres artesãos e dados dos estaleiros – usou-se do método qualitativo para traçar o perfil dos mestres artesãos, bem como verificar a situação do setor produtivo no município: aplicou-se formulário a 3 (três) donos de estaleiros.

#### 4 Resultados e discussão

Percebeu-se que o início a profissão originou-se do hibridismo ocorrido no período Colonial. De um lado o conhecimento do europeu e de outro o saber dos aborígenes nas técnicas de confecção de embarcações, possibilitaram o surgimento do ofício.

Verificou-se que há ações de instituições governamentais que pretende tornar-se política pública, como é o caso do Prófrota Fluvial que tramita na Câmara dos deputados, além da iniciativa do IPHAN Local que pretende tornar o Elesbão – distrito de Santana – em paisagem cultural e ofício da carpintaria deste local como patrimônios, há ainda a “Carta do Amapá” que reivindica, sobretudo, melhorias para os estaleiros.

Constatou-se haver um número de 35 estaleiros artesanais distribuídos ao longo do rio Amazonas e de seus afluentes que banham o município de Santana, delineando o território produtivo, sendo encontrados 16 no Distrito do Elesbão, 05 no Igarapé da Fortaleza, 07 na Ilha de Santana e 07 na orla de Santana<sup>2</sup>. Dados da Capitania dos Portos do município referentes aos primeiros meses de 2010 sinalizam haver um número de 10.077 embarcações registradas.

Averiguou-se que o trabalho nos estaleiros é feito essencialmente por homens, compostos por carpinteiros, calafates, pintores e aprendizes dessas profissões que tem como ambiente de trabalho o ambiente doméstico. São ribeirinhos que migraram das ilhas vizinhas do lado paraense e que vieram tentar a vida no lado amapaense.

Constatou-se existir, pós a entrada de bancos financiadores que contratam o serviço dos estaleiros mais estruturados para confeccionar as embarcações a pescadores, uma relação desigual entre o menor e o maior estaleiro. Para aumentar seu capital o dono do estaleiro maior faz uso dos estaleiros menores, caracterizando-se como espoliação da força produtiva, pois o serviço do pequeno estaleiro é pautado na ilegalidade e paga-se um preço irrisório pelo serviço de confecção.

---

<sup>1</sup> Utilizou-se esse método por ser o mais apropriado para se saber a quantidade de estaleiros artesanais e suas localizações no município. Vale ressaltar que para esta frente de investigação, contou-se com o saber de um catraieiro e também mestre artesão morador do município. Seu conhecimento de causa foi imprescindível para localizar e quantificar os estaleiros.

<sup>2</sup> Orla de Santana aqui compreende a extensão que inicia no Porto de Santana e termina na entrada do Igarapé da Fortaleza.

## 5 Conclusão

Nos estaleiros é confeccionada a maioria das embarcações que interliga os mais diferentes locais, onde as hidrografias são muitas vezes o principal meio de transporte. Em Santana alguns lugares privilegiados são marcados por serem híbridos, onde a Modernidade e um tempo pretérito se encontram num presente vivo e repleto de possibilidades, os estaleiros é um desses ambientes em que os mestres artesãos fazem surgir as mais variadas embarcações que podem ser encontradas navegando pela região.

O desenvolvimento local requer de agentes públicos encontrar mecanismos que associam o saber tradicional ao saber científico de tal maneira que uma nova realidade surja, que no caso dos estaleiros, técnicas de confecções de transportes fluviais e de navegabilidade sejam asseguradas e produzidas dentro das normas de segurança, sem olvidar os atores sociais que (sobre)vivem de práticas produtivas tradicionais. Os mestres artesãos e seus conhecimentos devem ser percebidos e respeitados dentro de uma lógica inclusiva e de (re)conhecimento.

## Referências

- BARROS, Amândio Jorge Morais. O Porto e a construção dos navios de Vasco da Gama. **Repositório aberto**. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Cidade do Porto, 2006. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9420>>. Acesso em: abr. 2010.
- BRASIL. **Carta do Amapá**. Brasília, Câmara dos Deputados, 2009.
- BRASIL. **Minuta de Projeto de Lei que cria o PROFROTA FLUVIAL**. Ministério dos Transportes, 2009.
- BRASIL. **Relatório do Grupo de Trabalho de Transporte Fluvial de Passageiros, Instituído pela Portaria nº 152 de 11 de junho de 2008**. Brasília, Câmara dos Deputados, 2009.
- CASTRO, Edna. **Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais**. Faces do Trópico Úmido: 1997.
- LIMA, Marcos Castro de. A cidade, o urbano e o rio na Amazônia. **Revista ACTA Geográfica**, Ano II, n. 03, jan./jun. de 2008, p. 107-117. Disponível em: <<http://www.ufrir.br/revista/index.php/actageo/article/view/203/131>>. Acesso em abr. de 2010.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejusp, 1995.
- MCGRATH, David. Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. **Novos Cadernos NAEA**, v. 2, n. 2, dez. de 1999, p. 57-72. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/109/163>>. Acesso em mar. de 2010.
- RAVENA, Nírvia; SANTOS, Emmanuel R. Costa dos; JUNIOR, Saint-Clair C. da Trindade. A cidade e o rio: espaço e tempo na orla fluvial de Belém. In: JUNIOR, Saint Clair C. da Trindade; SILVA, Marcos A. Pimentel da (Org.). **Belém: a cidade e o rio na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2005. p. 12-43.